

# In Formação

Boletim da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia

02  
Editorial

03  
Olhar sem ver

05  
Pessoalização

08  
Entrevista

12  
Ética na  
clínica infantil:  
entre o discurso  
e as narrativas

15  
Agenda  
Aconteceu na CEIP

*Questões sobre a  
ética na Clínica*



O boletim de número 12 apresenta algumas “Questões sobre a ética na Clínica”. O processo de construção desta edição teve seu início com uma provocação feita aos estagiários da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP/UFSM) para que, em um primeiro momento, colocassem em circulação, pela via da palavra, algo que lhes fizesse questão a partir de suas vivências da prática de estágio, dos seminários teóricos e discussões de caso realizados na clínica ao longo do semestre. Tal provocação foi acolhida pelo grupo de estagiários, que aceitou o desafio de posicionarem-se frente ao que interrogavam e compartilharem tais questões na realização de um evento, o Encontro Clínico da CEIP, ocorrido em junho deste ano. Dos efeitos desse encontro surgiu o convite para transformar as falas em escrita, produzindo-se, então, os artigos apresentados nesta edição.

Iniciamos este número com o trabalho intitulado “Olhar sem ver”, do estagiário da CEIP Gefferson Severo, que traça algumas considerações acerca da experiência de atendimento clínico, relacionando questões pertinentes à tomada de posição de quem escuta e os ‘nós’ consequentes disso.

O texto seguinte, “Pessoalização”, de autoria do estagiário da CEIP Matheus Pereira, promove questionamentos sobre o lugar do ‘pessoal’ na clínica, em especial o pessoal de quem escuta, o possível ou impossível de não pessoalizar.

Apresentamos, após, um encontro de entre-vistas realizado entre o estagiário da CEIP Matheus Pereira e o supervisor acadêmico, Luís Fernando Lofrano de Oliveira, o qual compartilha, ao longo desta conversa, alguns pontos discutidos no Cartel sobre a Ética em Psicanálise que acontece na Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA).

Para finalizar, segue o texto “Ética na clínica infantil: entre o discurso e as narrativas”, de autoria da estagiária da CEIP Dienifer Scolari. Este trabalho traz algumas questões referentes ao atravessamento narrativo na escuta de crianças e as implicações éticas nesta clínica.

Convidamos o leitor a percorrer esses tantos encontros, a partir do que tem sido trabalhado na CEIP, e a entre-ver-se também com as implicações dessas posições éticas da clínica. Boa leitura!

(In)Formação : Boletim da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia / Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Curso de Psicologia, Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia. -- N. 1 (jul. 2011) - . Santa Maria, 2011 - .

Semestral  
www.ufsm.br/ceip/  
N. 12 (nov. 2017), “Questões sobre a ética na clínica”.

1. Psicologia. 2. Psicologia - Boletim. 3. Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP). 4. Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH). 5. Curso de Psicologia. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

CDU 159.9(055)

Ficha catalográfica elaborada por Fernando Leipnitz - CRB 10/1958  
Biblioteca Central da UFSM

## EQUIPE DA CLÍNICA EM 2017:

### COORDENAÇÃO GERAL

Amanda Schreiner Pereira

### COORDENAÇÃO TÉCNICA

Aline Bedin Jordão  
Amanda Schreiner Pereira  
Gabriela Oliveira Guerra

### ESTAGIÁRIOS

Ana Paula Machado Freitas  
Anelize Saggin Alves  
Dienifer Scolari  
Gefferson Severo da Trindade  
Matheus Pereira  
Rafaella Menon Brod

### TÉCNICO ADMINISTRATIVO

Marlos da Fontoura Rodrigues

### BOLSISTA

Bruno Regasson

### INTEGRANTES DO PROJETO DE EXTENSÃO BOLETIM (IN)FORMAÇÃO

Aline Bedin Jordão  
Amanda Schreiner Pereira  
Gabriela Oliveira Guerra (coordenadora)  
Anelize Saggin Alves  
Leonardo Senna

### REALIZAÇÃO

Integrantes do Projeto Boletim  
Coordenação da CEIP

### EQUIPE DE REVISÃO

Amanda Schreiner Pereira (coordenação geral da Clínica)  
Aline Bedin Jordão  
Gabriela Oliveira Guerra (coordenação técnica da Clínica)  
Leonardo Senna (Acadêmico do Curso de Psicologia)

### DIAGRAMAÇÃO

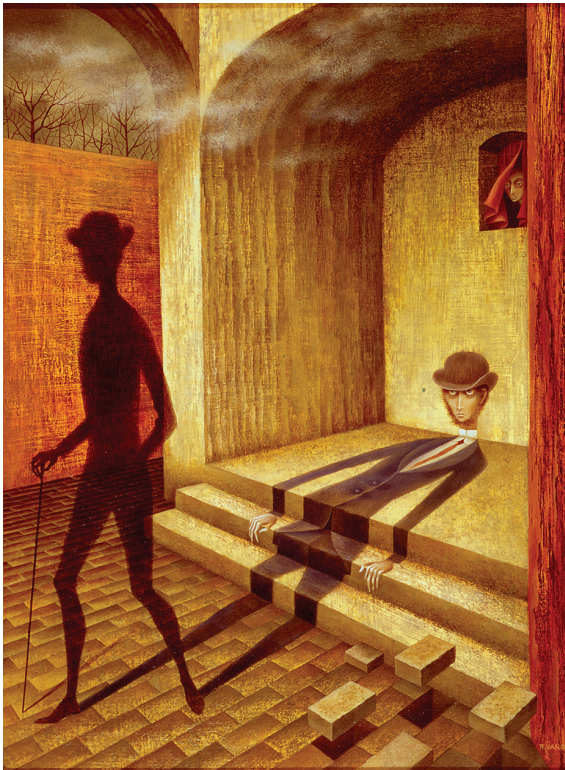
Estevan Garcia Poll

### CONTATO

Av. Roraima 1000, Cidade Universitária, Bairro Camobi, Prédio 74-B, térreo. Santa Maria/RS. CEP: 97105-900.  
Telefone: (55) 3220-9229  
E-mail: boletimceip@gmail.com  
E-mail da secretaria: ufsmceip@gmail.com  
Site: www.ufsm.br/ceip

### HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:

De segunda a sexta-feira  
Manhã: 8h30min às 11h30min  
Tarde: 13h às 18h



Remédios Varo (1908-1963). Obra intitulada "Fenômeno", finalizada em 1962.

## OLHAR SEM VER

Gefferson Severo da Trindade<sup>1</sup>

"Porque como não queria que o visse, bem o sentia com os ouvidos..."

Lúcio Apuleyo (127 c-170 c).

Quando partimos da experiência em atendimento para a escrita, percebemos as dificuldades dessa transposição. Conseguimos descrever, fracionar, separar e dimensionar o que 'vemos'. Muitos profissionais fazem isso todos os dias, inclusive fazem tabelas e criam plantas-baixas diante o visto. Entretanto, eu como estagiário de psicologia confesso que tenho dificuldades na visão. Escolho não descrever, fracionar, separar nem dimensionar, digo 'escolho' pois diz de uma tomada de posição que possui consequências.

Nesse sentido estou trazendo a dificuldade da escrita, ao escolher não 'ver' abrimos possibilidade para 'olharmos', escapamos da visão e entramos no olhar.

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Psicologia e estagiário da CEIP.

Mas o que seria 'olhar'? E 'ver'? O que isso diz da prática clínica em Psicologia? Bom, penso em iniciar essa questão trazendo algo que aparece nos atendimentos em uma clínica de Psicologia, a 'convocação a resposta'. Decidi iniciar assim, pois acredito ser uma interrogação que gera angústia na maioria dos estagiários e profissionais. Dizeres como: "Estou há mais de dois meses em atendimento, será que sou isso?"; "O que eu posso fazer para isso passar?"; "O que faço com isso?" aparecem inúmeras vezes na clínica.

Dizeres esses que tencionam a algumas elaborações; a questão da 'resposta' e da angústia pela necessária tomada de posição seguinte. Pensei em trazer aqui a etimologia da palavra 'resposta'. Acabei encontrando que resposta teria origem no Latim 'res'(coisa) mais 'ponere'(pôr/colocar). Seria uma convocação de 'pôr-coisa'? Que coisa seria essa? A fala seria essa coisa? Jacques Lacan sobre a resposta e a experiência no atendimento afirma:

*"Se eu o frustro, é que ele me demanda alguma coisa. Que eu lhe responda, justamente. Mas ele sabe muito bem que isso seriam apenas palavras. Tais como as recebe de quem quiser. Ele nem tem certeza de que me seria grato pelas boas palavras, muito menos pelas ruins. Essas palavras não são o que ele me pede. Ele me pede... pelo fato de que fala: sua demanda é intransitiva, não implica nenhum objeto." (LACAN, 1958, p.617).*

Interessante como a convocação a resposta aparece nos atendimentos e o que se gera em experiência a partir disso. Ela aparece de surpresa, no qual estamos desprevenidos. Em consequência calamos, frustramos em certa instância a pessoa. No texto 'Direção do tratamento e princípios de seu poder' Lacan afirma que: "Todos concordam em que frustro o falante, e ele em primeiríssimo lugar, assim como eu. Por quê? Se eu o frustro, é que

ele me demanda alguma coisa. Que eu lhe responda, justamente” (LACAN, 1958, p.617). Entretanto existem situações e decisões diferentes. Uma é estar desprevidido diante a questão. Outra seria na qual o profissional de Psicologia protocolaria, através de leituras de como agir em determinados momentos na sessão e do que se esperar de comportamento da pessoa em atendimento. Posturas diferentes para uma mesma angústia, que acredito não ser somente nossa, mas também da pessoa que está na nossa frente.

Nesse sentido eu trouxe protocolo, como comportamento esperado, no caso, por nós estagiários e profissionais em Psicologia. Muitas vezes protocolamos para tentar antecipar essa angústia inevitável. Tentamos procurar leituras sobre casos específicos e teorias que nos digam o que precisa ser feito. Erramos em duas instâncias: no tentar aplacar essa angústia e entrar com o saber dentro do atendimento.

Acabei introduzindo ‘olhar’ e ‘ver’, como também questões relacionadas ao ‘protocolo’ e ‘saber’. Diante essas transposições pensei em trazer um pouco de Mitologia. Afinal existe uma interlocução entre Mitologia e Psicologia, o próprio Sigmund Freud afirma em seu livro ‘Psicopatologia da vida cotidiana’ que:

*“Acredito, de fato, que boa parte da concepção mitológica do mundo, que penetra até as religiões mais modernas, não é outra coisa que psicologia projetada ao mundo exterior.” (FREUD, 1901, p.251, tradução nossa).*

Faço aqui um recorte do mito de Eros e Psique, mais especificamente a versão de Lucio Apuleyo (123 c-170 c). Eros, deus do amor, vive no Olimpo com sua mãe Afrodite. Já Psique é uma mortal, entretanto as pessoas pararam de ‘venerar’ Afrodite e começaram a fazê-la com Psique, como mais bela de todas. Interessante pegar a etimologia da palavra ‘venerar’, que estaria ligada no latim a origem

da denominação ‘Vênus’, deusa da beleza e do desejo sexual. Afrodite é a nomeação Grega para a deusa o que difere em certa instância das posteriores interlocuções Romanas na qual ‘Vênus’ aparece.

A mesma deusa pediu para seu filho fazer com que a bela mortal se apaixonasse pelo mais horrendo dos homens. Eros seguiu as ordens de sua mãe e foi executar o trabalho. Entretanto ao chegar ao quarto de Psique, acabou por cravar a flecha em si mesmo por acidente. Por conseguinte estava amando Psique.

É necessário ressaltar o fato de que Eros é invisível, no entanto acabou levando a mortal para o Olimpo, no qual ficaria em seu palácio. Os dois se encontravam a noite, conversavam e o deus do amor fazia com que Psique pegasse no sono. Meses se passaram e ela não tinha mais visto seus familiares. Algo que lhe trazia angústia de certa forma. Ela sabia que não poderia receber visitas, entretanto pediu para seu marido que recebesse pelo menos as irmãs, uma única vez.

O deus não queria, pois temia que as irmãs por inveja influenciassem Psique a contemplar seu rosto, algo que era diversas vezes alertado por Eros, chegando suplicar a ela que não fizesse isso. Entretanto Psique recebeu suas irmãs, as mesmas pediram imediatamente para que ela saísse do palácio. Ela negou e perguntou se teria algo para ser feito, uma das irmãs lhe disse que quando a “serpente imunda” adormecer seria o instante propício para iluminar lhe cuidadosamente o rosto e de um só golpe cortar lhe a cabeça (BRANDÃO, 1987, p.213). Psique esperou Eros adormecer e com uma vela, iluminou o rosto do deus, o ‘viu’. Contemplando-o acabou derramando uma gota de cera quente no ombro do mesmo, ele fugiu e não apareceu mais. O mito em si tem vários outros nuances, mas como fator de recorte e elaboração diante o ‘ver’ e ‘olhar’ e as consequências dessa tomada de posição podemos perceber esse fragmento.

Psique entrou com o saber aonde não deveria, acabou decidindo por isso muito em função de sua angústia. Não tinha certeza se Eros era um monstro horrendo ou não. Ela retirou sua angústia através da vela, na qual podemos pensar em 'luz', 'iluminismo' e 'saber' como também 'Apolo', deus do Sol e do saber.

Quando recebemos uma 'convocação a resposta', em certa instância recorreremos aos livros, teorias e supervisões. Entretanto no atendimento, os mesmos tem validade somente no sentido de protocolar, impedindo a experiência de escuta e 'olhar'. Permitir-se não 'ver' abre possibilidade para a escuta, por consequência o trabalho inicia.

### REFERÊNCIAS:

- APULEYO, L. (154dc). *Metamorphoseon libri XI*. (2003). p.112, 2003.  
 BRANDÃO, J. *Mitologia II*. (1987). p.203.  
 FREUD, S. (1901) *Psicopatologia de la vida cotidiana* (1991). p.205.  
 LACAN, J. *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*. In: *ESCRITOS*. São Paulo, *Perspectiva*, (1978). p.607.

## PESSOALIZAÇÃO

*Matheus Pereira*<sup>2</sup>

Este texto surge a partir de uma fala que aconteceu no evento da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP) "Questões sobre a ética na clínica", onde os estagiários desse local foram convidados a elaborar uma fala que dissesse desse tema e também da posição de estagiário. Abordando o que há de singular na relação que se estabelece a partir destas duas questões, estágio na clínica e ética na clínica.

Antes de entrar na questão em si, acredito ser importante algumas considerações iniciais que digam respeito ao modo pelo qual decidi abordar o tema do evento. Logo quando foi sugerido esse tema pela primeira vez, veio-me à mente a questão da ética da Psicanálise e, logo em seguida, se seria possível encontrar algo da ética da Psicanálise que também dissesse da ética da clínica de psicologia. Algo que falasse então, justamente, da ética na clínica, foi através desses questionamentos que pensei no texto de Lacan "A direção da cura e os princípios de seu poder" de 1958.

Foi com base em dois pontos que me autorizei a usar esse texto como base para a discussão, primeiro: minha própria experiência de atendimento, minha experiência como estagiário e por acreditar que aquilo que é pontuado no texto se aproxima, em alguns momentos, daquilo que eu experiencio na clínica. Segundo: a estrutura proporcionada pela CEIP, as supervisões, os seminários e as discussões de casos, todos esses espaços me parecem permitir e sustentar a escolha desse texto.

Decidido então esse texto como o suporte da minha questão, pretendo apresentar como ele veio a tomar esse estatuto. Tem início ainda no começo do meu primeiro ano de estágio, onde foi feita uma pontuação: "não pessoalizem", algo a nível de conselho ou recomendação.

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de Psicologia e estagiário da CEIP.

Essa pontuação foi feita em função de uma situação específica com a qual nos depararíamos, ou seja, atender pacientes que haviam ficado de um ano para outro, mas que haviam, então, sido obrigados a trocar de estagiário. A pontuação buscava falar que nessa situação era possível que os pacientes ainda estivessem muito vinculados aos estagiários anteriores e não conseguissem, por causa disso, dar prosseguimento aos atendimentos com um novo estagiário.

A ideia era de que, nessa situação os estagiários novos não pessoalizassem esse ocorrido, no sentido de não tomarem isso como um erro ou fracasso seu, mas sim que pudessem perceber que era uma questão dos pacientes. Nesse primeiro momento, esse “não pessoalizem” não me fez muita questão, era algo que fazia sentido naquela situação.

Com o passar dos atendimentos, porém, isso começou a se tornar mais e mais questão, a nível de: é realmente possível não pessoalizar? Do que se está falando quando se fala em pessoalização? É nesse ponto que me apoio no texto de Lacan para trazer dois pontos que ele faz logo no primeiro capítulo do texto “Quem analisa hoje?”.

O primeiro ponto sendo a seguinte passagem: “Pretendemos mostrar como a impotência em sustentar autenticamente uma práxis reduz-se, como é comum na história dos homens, ao exercício de um poder.” (LACAN, 1958, pág. 592). Aqui é falado então numa práxis autêntica, seria uma práxis autêntica uma práxis pessoal?

Para pensar sobre isso acho importante fazer duas marcações sobre a palavra “autêntico”, primeiramente um de seus significados, de autoria comprovada. Ou seja, a prática necessita ser autoral, comprovadamente autoral, mas comprovada para quem e por quem?

Não há uma prestação de contas, não se comprova essa autoria para alguém, seja supervisor(es) ou paciente(s), já sobre por quem essa autoria é compro-

vada há uma indicação de que quem pode fazer um julgamento a respeito de sua práxis é só quem atende, não um julgamento de efetividade ou “bom trabalho”, mas ao menos um julgamento a respeito da autenticidade de seu trabalho.

A segunda marcação que talvez acabe se mostrando mais relevante à questão da ética no geral, sendo um tanto tangencial ao tópico da pessoalização, mas me parece algo importante de ser pontuado e que diz dessa práxis, esse segundo ponto diz da etimologia da palavra, no grego antigo *autoéntēs* é: um que tenha poder absoluto, um mestre. Em um primeiro momento pode parecer paradoxal se tomarmos autêntico como algo que se refira ao poder, já que na frase inicial de Lacan, se acabaria em exercício de poder caso não se fosse autêntico, como conciliar essa questão então?

Aqui podemos pensar em dois poderes, um poder que é substantivo e um poder que é verbo, um que diz de força e de controle, o poder, e um que diz do possível, das possibilidades que se tem. Talvez se possa subverter a ideia do mestre que “autêntico” carrega do grego antigo, não como um que tenha força sobre outro, mas sim como aquele que tem o poder de escolha dentro dessa práxis. Que não tem um poder sobre um outro, mas sim sobre o trabalho que faz.

Mais uma passagem do texto parece se aproximar disso: “Intérprete do que me é apresentado em colocações ou atos, decido acerca de meu oráculo e o articulo a meu gosto, único mestre/senhor em meu barco, depois de Deus, e, claro, longe de poder avaliar todo o efeito de minhas palavras, mas justamente advertido e procurando prevenir-me contra isso, ou, dito de outra maneira, sempre livre quanto ao momento, ao número e também a escolha de minhas intervenções, a tal ponto que a regra parece ter sido inteiramente ordenada para não atrapalhar em nada meu trabalho de executante” (LACAN, 1958, pág. 594).

Aqui cabe um parênteses para se pontuar que a existência desse poder de

decisão novamente não se confunde com um poder controlador, algo que defina um saber sobre os efeitos dessas decisões. É justamente quando se tenta obter esse tipo de garantia ou certeza que talvez nos aproximemos de um exercício de poder, poder substantivo, como alertava Lacan.

O outro ponto do texto que sinto ser relevante ao tópico da pessoalização é uma passagem na qual Lacan pontua que não se deve imaginar que o paciente é o único que paga nos atendimentos, que assim como ele quem atende também paga. Lacan diz então de três pagamentos que “um” faz: com palavras, com sua pessoa e com seu ser. Caberia aqui certamente um trabalho inteiro expandindo sobre cada um desses pontos, mas por restrições de espaço passarei brevemente por esse segundo ponto.

Vou me ater mais em só um desses três, talvez aquele que mais salte aos ouvidos, devido ao tema, o pagamento com sua pessoa. Lacan fala da ação de se emprestar, emprestar essa pessoa de quem atende, como suporte, muitas vezes como alvo de diversos fenômenos, para aquele que está sendo atendido. Como pensar um custo desses como não pessoal? Algo que parece custar tão pontualmente a pessoa de quem atende?

Esses dois pontos do texto, a questão da autenticidade e a questão do custo, não são desconexos, pelo contrário, me parece certo que dentro da questão da práxis autêntica se inclui como cada um que atende lida com esses pagamentos necessários. Por mais que esses “preços” sejam os mesmos para cada um que atende, ou seja, sejam características da clínica em si, que se apresentam a todos, a maneira como cada um se encontra com eles também necessita ser autêntica.

Foi só ao fim desse percurso sobre a questão da pessoalização que pude me deparar com o fato que aquilo sobre o que falava durante esse texto era a transferência, mesmo o texto de Lacan falando exten-

sivamente sobre esse tema, não consegui perceber que a partir de certo ponto a minha questão também se tornou sobre isso.

Engraçado pensar como durante a escrita desse texto sempre tendi para o lado de tomar a questão do pessoalizável como algo possível e mais do que isso, como algo necessário, como algo que acontecia necessariamente, por falta de outra opção. Os dois pontos que marquei no texto de Lacan, para mim diziam disso, de que se “um” fosse se haver com essa clínica, teria então de pessoalizar, seja para poder sustentar uma práxis autêntica, seja para lidar com os pagamentos.

Agora, no final das contas, ao final do trabalho, se tivesse que novamente formular a questão, ela tomaria a seguinte forma: a transferência é pessoal? É um fenômeno pessoalizável? É curioso que no momento que a questão toma essa nova forma, ela, ao mesmo tempo, cai desse estatuto de questão. Não imagino que a transferência seja pessoal, ou pessoalizável, considero-a um fenômeno de outra ordem.

Tomando então como uma questão sobre transferência podemos olhar para mais uma passagem no texto: “Quanto ao manejo da transferência, minha liberdade, ao contrário, vê-se alienada pelo desdobramento que nela sofre minha pessoa” (LACAN, 1958, pág. 594). Essa passagem vem em sequência da última passagem que citamos onde Lacan fala da interpretação e que no manejo dessa tinha liberdade, e poder como decidimos pontuar, “quanto ao momento, ao número e também a escolha de minhas intervenções”.

Já em relação a transferência não há essa liberdade e não seria, podemos pensar, e colocar como questão, justamente por não ser algo pessoal?

## REFERÊNCIAS:

LACAN, J. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

## ENTREVISTA

Entrevista realizada pelo acadêmico do Curso de Psicologia e estagiário da CEIP, Matheus Pereira, com o supervisor acadêmico do estágio e, na época da proposição do 10º Encontro Clínico da CEIP, coordenador da Clínica, Luís Fernando Lofrano de Oliveira.

***Então, como foi um movimento seu a ideia do evento, a primeira pergunta vem do porquê desse tema da Ética. Como ele veio a ser um tema que parecia relevante nesse âmbito?***

Certo, o pretexto era o interesse no âmbito das discussões em psicanálise num contexto ampliado das discussões, onde a gente encontra na Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA) esse tema escolhido para ser colocado em discussão por razões principalmente de circunstâncias atuais. Tempos difíceis, sombrios, para todo lado, onde tem instituições, onde tem conflitos de interesse, onde tem força de corporações, principalmente poder corporativo, comandando rumos sociais. E, por um lado, um contexto amplo de discussão sobre a ética. A ética em geral e depois a ética em psicanálise. Pronto, daí vem o encontro, aí, pra mim, ocorreu colocar em discussão o estagiário frente a esse compromisso ético de cidadão e de estudante que leva em conta a psicanálise quando ele quer estudar psicologia. Então, essa foi praticamente a razão para propor esse evento, de promover então um momento em que o estudante parasse e se encontrasse com esse tema desde o lugar que ele está, que é diferente de todos os outros, não é de professor, não é de psicanalista, é de estagiário de psicologia que está se encontrando na clínica com coisas reais, coisas é modo de dizer né, não é coisas reais é com, digamos assim, com o real que a pessoa que

vem solicitar o trabalho está carregando com ela, então no que ela chega portando e com isso aborda e vem pedir o trabalho pro estagiário relativamente à isso que ela está carregando e ela está sem encontrar solução de encaminhamento, então, o estagiário está nessa posição, eu, pensando pelo lado da coordenação da Clínica de Estudos e Intervenção em Psicologia (CEIP) pensei que essa seria uma discussão importante e até uma oportunidade para os estagiários entrarem em ação relativamente à isso, porque a inação não tem como colaborar pra ninguém, essa era uma certeza também dessa proposta, que a inação é fria.

***E como foi, na posição de supervisor, acompanhar esse processo que a gente passou? Porque, de certa forma, foi bem importante na escrita de todos os textos eles terem passado pela supervisão. É uma posição um tanto diferente como coordenador que propõe para o supervisor que acompanhou essa escrita.***

Está certo, como supervisor, a escrita eu não acompanhei, acompanhei um pouco a movimentação porque eu estava na supervisão acadêmica. Então tinha discussões para fazer. Porque o estagiário sem discutir ia ter mais dificuldade de fazer, alguma discussão ia fazer né, não precisava ser com professores, mas algum âmbito de discussão precisa ter para gerar, porque é uma peça discursiva, então, se não tem um endereço que favoreça a produção ela não se faz, não dá, então uma é disponibilizar o endereço, que não era um endereço de saber, assim, de dizer: “olha assim vai, assim não vai né”. Bom, talvez isso até tenha mais a ver como o tema mesmo da Ética. Foi uma opção de condução que não era moral da minha parte. Aí, então, houve o evento e o que eu percebi é que, bom, eu não pude me surpreender com o fato de que o pessoal se envolveu realmente com o tema, não



pude me surpreender, não deu, era isso aí mesmo, estava na hora de fazer esse trabalho, foi a impressão que eu fiquei, foi uma hora propícia pra isso acontecer.

***Engraçado, de certa forma você previu as perguntas, tanto essa dos estagiários, como dos efeitos.***

Eu posso fazer outras, quem sabe eu faço outras perguntas?

***Você faz as perguntas para ti mesmo?***

Posso?

***Claro, à vontade.***

Posso te falar um pouco sobre o que eu pensei de Ética do evento até agora, porque eu fui escalado para falar de Ética na APPOA num cartel de discussão sobre o seminário: A Ética, sobre uma lição do seminário da Ética da psicanálise de Lacan, e pensei algumas coisas dentre a jornada e esse cartel me fez funcionar um pouco com relação a esse tema, não sei se te dou alguma notícia sobre isso.

***Claro, acho que tem a ver, é interessante, se tu tiver tempo também.***

Claro, vou dizer assim um pouco resumidamente. A principal peça em Freud para tomar como eixo para as minhas considerações foi a noção de *Hilflosigkeit*<sup>1</sup>. *Hilflosigkeit* foi traduzida, vou escrever (escreve a palavra no quadro). Isso em alemão, tá estranho assim porque é alemão, mas na função toda de vocês, vocês passaram, todos passaram por essa noção quando botaram o tema em discussão. Isso aqui foi traduzido como desamparo. Então, todos vocês passaram por isso - não que passaram pelo desamparo, passaram pelo conceito de *Hilflosigkeit*, do Freud que é um estado, ele é a designação de um estado, *Keit* é um estado, em que

você está numa condição sem *Hilf*, “ajuda”, essa é a decomposição do termo de Freud para enxergar qual é a referência. Então, nesse estado que você se encontra com essa condição de estar sem ajuda, praticamente a ideia do estado que as pessoas chegam para o atendimento com vocês, e normalmente elas vêm solicitar a reversão do *less*, para ficar com, tomar uma providência, mas a providência, nota que é relativamente ao estado que se encontra. Porque se ela vem te pedir ajuda é porque ela se considera sem.

***No estado você diz: no sentido de que não é uma ajuda em relação, uma ajuda em relação ao estado, diferente em relação a uma questão específica no caso?***

É. Ainda bem que tá gravando! Justamente, ela quer que seja específica a questão e ela, a pessoa, vem e diz: “específica pra mim porque eu não to conseguindo”. A ajuda é uma ação específica, digo eu, foi o que eu levei para discussão. Esse é o ponto chave do que eu levei para a discussão e aí você vê que precisa não tomar a tradução de desamparo, porque não é uma questão de amparar. O termo do Freud é que a pessoa está sem ajuda, ela está sem ajuda, esse é *Hilflosigkeit*. Se tu traduz isso para desamparo, tu fica na mão com a tradução, porque ninguém tá falando em amparo, ajuda é uma ação, o amparo pode ser uma muleta. Não precisa de ninguém. Pode ser um lance ortopédico que seja, então é diferente amparo, calço, tá em falso, calça, fica apumado, pronto. Então, o primeiro ponto é deixar bem certinho esse estado e pensar que nesse estado tem uma tendência de reverter justamente, para que a falta, para o fato de estar sem ajuda, esse estado se reverta, que tu fique com ajuda. Tá, só que o Freud veio e se encontrou com o fato de que esse estado é indispensável para as pessoas, se elas não ficarem

num certo momento sem ajuda possível, elas não vão entrar em ação, elas vão solicitar sempre uma ação que venha de algum lugar, que tá faltando essa ação, ela começou a fazer falta à ação. Pode ver, está bem, eu estou dizendo que o Freud diria: está bem que faça falta, porque se não fizer falta a pessoa não vai atrás da ação, ela vai ficar sempre alienada à uma ação, seja do mestre, do modelo, do ideal, é, do ideal principalmente, de uma pessoa idealizada, de um modelo de ser, de um ser modelar, seja ele mestre, seja ele quem for. Então, a reação do Freud é um pouco assim, você está *Hilfflos*, então, isso, está bem, então senta aí porque, então, a gente está num ponto bom para você fazer o teu atendimento. Então ok. O que está acontecendo? O específico não está comparecendo. No sentido que você estava falando antes. Não há específico, estamos em falta. A ajuda seria uma ação específica. A pessoa quer que as coisas se especifiquem e Freud vai dizer que se você fizer isso, você vai só rearranjar a sua condição alienada, para achar uma estabilidade alienada de um outro jeito, num outro arranjo. Estou colocando em Freud, mas toma como uma leitura feita sobre esse ponto. Pronto, então, a minha discussão, ela toma aqui, então, a ajuda, como uma ação específica e eu queria colocar a moral como uma ação específica, pronto. Mas por que falar em moral? Isso aqui tem um... A gente arranja, tem uma parte de 'Um projeto para uma psicologia' que ele fez em 1890 e pouco e ali tem uma passagem que ele fala que a *Hilfflosigkeit*, essa coisa, esse estado, o *Hilfflosigkeit*, esse estado ele é a origem de todos os motivos morais, ou seja, tu faz um apelo a que uma moral compareça na hora que tu está *Hilfflos*. Então, na hora que essa pessoa vem para atender contigo ela vai te pedir uma *hilf*, porque ela está sem, ela vai te pedir uma *hilf*. E aí tu vai dizer para a pessoa: tudo bem, só que tu vai me conceder que ao invés de eu responder

aqui, eu vou responder por uma ação, por uma outra ação que é inespecífica. Eu vou te responder por uma ação inespecífica. Com isso, pra mim, te respondendo com uma ação inespecífica eu preciso cancelar as minhas representações de espera. Eu suspendo as minhas representações de espera e levo você a cancelar as suas representações de espera, e nós dois vamos nos meter num contexto inespecífico que, aonde o que surgir vai ser seu.

### **Representações de espera?**

Representações de espera. Aquelas que vão gerar angústia. Tu só vai ter angústia se tem alguma coisa por vir que ainda não está bem, bem certo qual é, mas tem um troço que vai comparecer, se não tu não vai te angustiar. Tu só cria angústia se tem representações de espera.

***Tá, representações de espera. Porque a primeira coisa que me veio à cabeça foi o circuito da pulsão, em que poderia se pensar que antes da pessoa achar um objeto, o que está em questão é a questão da espera, ela está esperando esse objeto?***

Ela foi mexida de modo que se criou a fonte e partiu um impulso. O impulso vai em direção até a chegada do objeto e ela é de espera, o impulso é de espera, de chegada. Esse é o trecho que você vai encontrar ela, ela tá num impulso mas não sabe bem do quê. Por isso que ela precisa falar com você.

***Esse momento tem algo de espera aí, ela espera.***

Há uma expectativa de que o representacional vai gerar objeto, e o objeto tá por aparecer, por se constituir. Então, já está com representações de espera, sem representações de espera não tem impulso. Esse é o momento que tu pega a pessoa, pronto.

***A questão é como poderia ser diferente.***

Não precisa ser diferente, precisa acompanhar ela no impulso que ela terá, que está tendo, que está tendo algum movimento, tanto é que ela veio procurar você. Ela está tendo um movimento, certa de que o troço é específico e tu vai perguntar pra ela, será? Você vai dizer pra ela, eu não estou certo de que seja específico. Você não vai falar isso tá, mas a posição, se ela é a posição ética, ela se baseia aqui, porque se ela quiser especificar é responsabilidade dela, não sua, porque você fica na ética, não na moral.

***Tá, agora isso em específico, qual é a mudança que, tomar isso como específico tem no circuito da pulsão, por exemplo?***

Tu cancela, essa posição é a de cancelar as representações de espera. Não dar ou não ter ouvidos para as representações de espera. Porque elas só se criam se quem escuta participa da constituição delas. Ela não conseguirá manter as representações de espera se você atender ela numa posição inespecífica.

***E que mudanças isso gera, nesse movimento que ela tá? Porque ela está, ela vem nesse momento onde tem isso da espera.***

Você vai dizer pra ela que ela está num momento importante apesar de ser inóspito, que é um lugar para não ficar. É uma transição importante, que tá bem, que ela esteja ali e que vai precisar paciência da parte dela, pra suspender as representações de espera de modo que ela possa repassar pelo seu sistema de representações e se situar com relação a eles do jeito que ela conseguir. Esse é o atendimento que você vai fazer. Se tua ação é inespecífica, tu não tem objetivo de

mudança. Por que tu vai esperar que tenha uma mudança do lado da pessoa? Só se for específica tua ação, aí ela é moral. Não é tua né, é de quem tá atendendo. Por que aí tu entra com *helf* e é preciso tu não entrar com *helf*. No *helf*, no *problem*. É isso que tu vai dizer para ela. Problema só pra mim que tenho que bancar uma posição que eu só banco porque tenho um contexto de discussão que me deixa certo de que não é só eu que estou inventando isso da minha cabeça, de ficar inespecificamente na frente de alguém clamando por uma ajuda.

*Nota dos Revisores: Luís Fernando Lofrano de Oliveira sugere, no artigo "Notas de ética em Lacan", publicado no Correio da APPOA "Seminário da ética: notas de leitura", edição 271, de novembro de 2017, que o termo Hilffsigkeit seja traduzido como "semajudabilidade", não viável na língua portuguesa, mas com proximidade, na língua inglesa, ao termo "helplessness". Portanto, sugerimos a leitura do referido artigo, disponível no endereço: [http://www.appoa.com.br/correio/edicao/271/notas\\_de\\_etica\\_em\\_lacan/515](http://www.appoa.com.br/correio/edicao/271/notas_de_etica_em_lacan/515).*

## ÉTICA NA CLÍNICA INFANTIL: ENTRE O DISCURSO E AS NARRATIVAS

Dienifer Scolari<sup>3</sup>

Pensar a ética na clínica infantil não é uma tarefa simples. Essa questão que já gerou debates entre grandes pensadores, conta com leituras muito divergentes e talvez só de longe seja um “consenso” (FLESLER, 2011). Porém, uma coisa é certa, a clínica infantil coloca de saída o entrecruzamento dos pais, ou de quem traz a criança, de quem atende e do pequeno que é atendido. Não há como pensar no atendimento infantil sem pensar nesse outro que traz a criança, a queixa e uma convocação à resposta. Talvez esta seja uma das maiores diferenças entre o atendimento clínico de crianças e adultos, a presença física dos pais.

Esta escrita surge da provocação de pensar a ética na clínica e apresentará algumas questões a partir do atendimento clínico infantil e seus atravessamento, sem o intuito de fazer uma exposição aprofundada sobre o tema, apenas de pontuar algumas questões que surgiram a partir desta experiência.

Antes, talvez seja interessante mapearmos de onde vêm esses termos com os quais trabalharemos aqui. As concepções sociais de infância e criança que temos hoje são recentes e se modificaram muito até chegar à formação atual. Longe de serem conceitos atemporais e a-históricos, essas formações são construções sociais que entrelaçam tanto os saberes que as “inventaram” e que proliferaram com seu “aparecimento” como as práticas a elas destinadas. O lugar social que a criança e a infância ocupam constitui-se de inúmeras narrativas que se teceram ao longo dos séculos, as definindo e “explicando”. Tivemos, nos diferentes períodos da história da humanidade, diferentes concepções sobre a infância e o que é ser criança.

<sup>3</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia e estagiária da CEIP.

As luzes do iluminismo não deixaram de fora essas noções, podemos entender, a partir do historiador francês Philippe Ariès, em sua obra *História Social da Criança e da Família* (1981), que a ideia que temos hoje de infância, como um período específico do desenvolvimento, com características singulares, aparece com a Modernidade. Em sua análise ele nos mostra, a partir da iconografia, que na Idade Média, a representação visual de crianças era muito escassa, principalmente antes do séc. XII:

*os homens dos séculos X-XI não se detinham diante da imagem da infância [...] esta não tinha para eles interesse, nem mesmo realidade. Isto faz pensar também que no domínio da vida real, e não apenas no de uma transição estética, a infância era um período de transição logo ultrapassado, e cuja lembrança logo era perdida. (ARIÈS, p. 52, 1986)*

O autor também nos mostra como eram comuns as representações de crianças como adultos em miniatura, como se a única diferença entre a condição adulta e infantil fosse o tamanho do corpo. Por mais que na Idade Média ainda surjam novas formas de representar visualmente a infância, podemos notar, conforme Ariès (1986), que neste período a vida infantil e adulta estavam misturadas, sem muitas especificações e que a infância não tinha a relevância social que tem hoje, seja pela grande densidade demográfica, pela alta taxa de mortalidade das crianças na época ou porque este novo sentimento de infância, ligado à educação, à formação, à saúde da criança e à influência dos adultos nesse processo, só surge mais tarde. Segundo ele, esta sólida separação do mundo adulto e infantil só aparece no séc. XIX (ARIÈS, 1986).

Dessa forma, a preocupação com a infância, com a alta taxa de mortalidade das crianças e com a educação dessa parcela da população só aparece mais significativamente no final do século XIX. É quando ela é colocada como objeto tanto

de investigação teórica como de práticas específicas. Produziram-se e fortaleceram-se, a partir deste período, vários saberes em torno da infância, como a pediatria e a pedagogia, sendo o saber psicológico um dos que se destaca nesta “invenção da infância”. É aqui, final do séc. XIX e início do séc. XX, que Freud inaugura com a Psicanálise algumas das questões que estão sendo discutidas até hoje por aqueles que se ocupam do atendimento clínico infantil. (FERREIRA, 2017; NASCIMENTO, BRANCHER, OLIVEIRA, 2011). É neste período também que aparece um fato marcante dessa construção da infância moderna, a instauração da obrigatoriedade escolar, que acontece por volta de 1890 nos países ocidentais e começa a se difundir no Brasil em 1930 (PRISZKULNIK, 2004).

Desde então se delimitou um lugar e tempo específicos para a criança e para a infância, um lugar separado da vida adulta, com suas qualidades e demandas específicas. A infância começa a ser entendida como o período mais rico de desenvolvimento humano, período no qual o adulto, como aquele que sabe da criança, que responde por ela é chamado a intervir nesse processo a fim de formar um “bom sujeito”. Esta definição de criança como sendo aquele que precisa de um outro que faça por ela, que fale por ela por ela não é nova, se atentarmos para os termos infância e criança veremos que a sua etimologia já traz esta noção. O termo infância tem sua origem nos verbetes latinos *infans*, que se refere àqueles que não falam e *infantia*, que é a incapacidade de falar, mudez. Já o termo criança, do latim, *creantia*, significa pessoa infantil, ingênua (FERREIRA, 2017).

E é desta forma que a criança chega à clínica, na posição de alguém que não fala, de alguém que não sabe sobre si, que precisa de outro que fale. Ademais ela não escolheu estar ali, é trazida, e é trazida por um motivo, com uma queixa, seja da escola, da família ou do pediatra, existe de saída uma demanda apresentada por um outro:

*os mensageiros dessa demanda [...] vão muito além do grupo familiar. São escolas, associações, corporações, técnicas, órgãos judiciais (conselhos tutelares, juizados da criança e do adolescente), enfim, uma infinidade de interlocutores, cujas demandas, muitas vezes, estão assentadas na noção de “desvio”. Desvio de comportamento, desvio da “norma”. (FERREIRA, p. 139, 2017).*

Conforme Araújo (2008) nós “traçamos (nós, os adultos e as adultas) perfis de crianças ideais e tentamos nos transformar em adultos também ideais, responsáveis, tutores, que têm muito mais a falar sobre/da criança do que ela própria” (p.104). O lugar que a criança e a infância têm ocupado no social ainda tem muito a ver com esta posição de quem não tem voz, não tem escolha, de quem não responde por si, de alguém que não sabe. Cabe aqui, questionar as implicações dessas representações sociais na clínica e se é possível uma escuta esvaziada desses sentidos, que colocam a criança numa posição de objeto frente a diversas narrativas que se compõe a seu respeito.

Na escuta da família ou de quem traz a criança aparece certa queixa, um problema em questão, um comportamento indesejado. É importante que se escute e acolha essa queixa, afinal é ela quem “traz” a criança. Contudo, uma distinção que caberia aqui é entre “queixa” e “demanda”, talvez fosse interessante reservarmos a “queixa” àqueles que a fazem, deixando o termo demanda para se referir a algo que pode se construir no atendimento da criança. No entanto, me questiono se a demanda pode ser construída se quem atende opta por “responder” à queixa. Como assim?

No momento de escuta dos pais ou responsáveis é como se houvesse um “compromisso imediato” assumido com o que eles relatam, com a preocupação. Eles trazem a queixa e convocam quem atende a respondê-la, convocam quem atende

a esclarecer o que está acontecendo, e mais, convocam a tomar providências a respeito do caso, a fim de que a expressão indesejada, o comportamento “anormal”, o sintoma da criança, desapareça. Convocam o saber de quem atende à responder sobre a criança.

Como agir diante dessa convocação? Acredito que há muitas maneiras, uma delas seria, por exemplo, responder aos queixantes e buscar meios de extinguir o comportamento que foge à normalidade. No entanto, isso seria manter a criança numa posição de objeto, de não falante, no lugar de quem precisa que o outro responda por si, seria desconsiderar o sujeito e o sintoma enquanto produção. Seria responder à convocação moralmente, pedagogicamente. Para Ferreira: “deixar resvalar para a clínica questões pertinentes ao campo da pedagogia não significa mais que uma ‘psicologização’ em massa da criança, compactuando com um discurso antigo que situa o problema na criança e não no lugar onde ele está” (p.146, 2017).

Responder a queixa desta forma seria a confirmação da narrativa dos pais ou de quem se queixa sobre a criança. E mais, podemos dizer que seria a construção de outra posição narrativa sobre a criança, a do profissional de psicologia, seria mais um que não escuta e que narra, mais um que apresenta o seu saber diante da criança, seria impossibilitar o discurso que aí poderia se construir.

Outra opção seria, então, responder à queixa com o compromisso de que será feito o possível, não desconsiderá-la, mas não tomá-la como demanda a ser respondida. Assim, o compromisso que era imediato irá ser mediado no tempo, irá ser desdobrado a fim de que se constitua outro tipo de compromisso, aquele com a demanda do sujeito. Como expõe Ferreira, cabe a quem atende:

*não entrar na série, fazer diferença, quiçá, fazer exceção - ser ao menos um que não-*

*que não lê moralmente as condutas e comportamentos da criança, mesmo os considerados “inadequados” por seus agentes de cuidado, tomando-os sempre como manifestações subjetivas a serem acolhidas e escutadas. (2017, p. 15).*

Podemos pensar, dessa forma, quais são os atravessamentos dessas posições narrativas no atendimento infantil? O que fazer diante das queixas? O que não fazer? Como escutar a criança sem se contaminar com essas narrativas generalizantes e patologizantes? Como dar espaço ao discurso diante dessas narrativas? Enfim, como ser ético com o sujeito escutado?

### REFERÊNCIAS:

- ARAÚJO, D. C. A construção social da infância: uma outra história. puc.pr/ eventos, 2008. Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/158\\_931.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/158_931.pdf)> Acesso em: 01/06/2017.
- FERREIRA, T. A escrita da clínica: psicanálise com crianças. 3º ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- FLESLER, A. As intervenções do analista na análise de uma criança. In: O Infantil na Psicanálise. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. n. 40, jan/jun. p.18-30, Porto Alegre, 2011.
- NASCIMENTO, C. T.; BRANCHER, V. R.; OLIVEIRA, V. F. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. Revista Contexto e Educação. v. 23, n. 79, 2008.
- PRISZKULNIK, L. A criança sob a ótica da psicanálise: algumas considerações. PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora. Vol. 5, n. 1, p.72-77, São Paulo, 2004.

**AGENDA 2017**

**EVENTOS ORGANIZADOS PELA CEIP:**

**10º ENCONTRO CLÍNICO: QUESTÕES SOBRE A ÉTICA NA CLÍNICA**



Quais questões concernentes à ética se apresentam ao estudante em sua ação de extensão universitária na clínica de psicologia? O evento foi proposto a partir dessa interrogação e teve como proposta que as falas dos estagiários da CEIP fomentassem o aprimoramento do exercício da atividade de psicólogo.

**EVENTOS APOIADOS PELA CEIP:  
CURSO DE EXTENSÃO: EXTENSÕES DO FEMININO EM PSICANÁLISE**

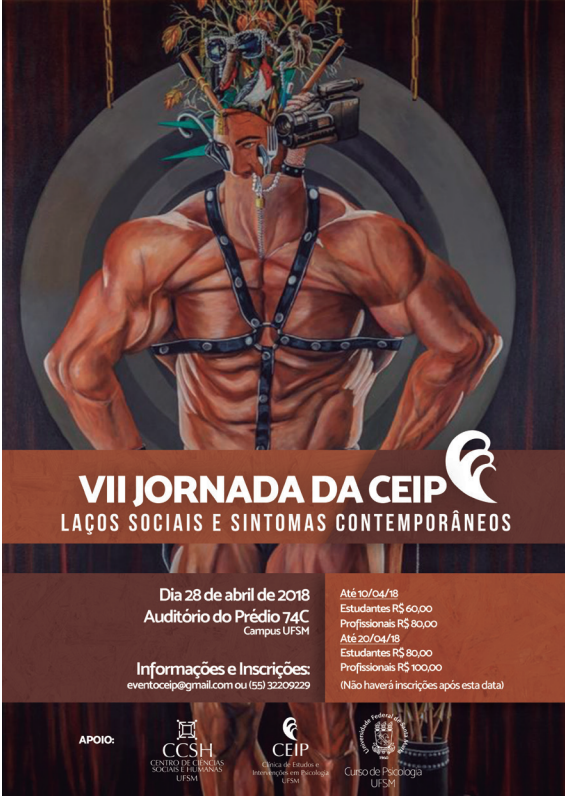


As formulações sobre o feminino em Psicanálise são campo fecundo de problematizações. Ao seu tempo, Sigmund Freud dedicou-se à tarefa de questionar a feminilidade, reconhecendo o enigmático que concerne às mulheres, o “continente negro” que as habita, o mistério, a estranheza e a incompreensão que lhes são características. Advertido, Jacques Lacan não se furta ao delicado trabalho com o que seria mais apropriado chamar de “feminino”, indicando questões fundamentais que, das mais diferentes formas, dizem respeito a homens e mulheres. Nesse evento, a psicanalista Marcia Barcellos Alves apresentou questões sobre a feminilidade em Freud e o feminino em Lacan, aprofundando-as com base em sua tese de doutorado.

## PARTICIPAÇÕES EM EVENTOS:

- No dia 29/09/17, a psicóloga da CEIP, Amanda Schreiner Pereira, participou como palestrante da Jornada de 40 anos da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS: “Caminhos da Clínica na Universidade”.
- No dia 10/11/17, a psicóloga da CEIP Aline Bedin Jordão e o estagiário da CEIP Gefferson Severo da Trindade, participaram do I Painel das Clínicas Escolas de Santa Maria e Região, organizado pela Clínica de Estudos e Práticas Psicológicas (CEPPSI) da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) – Campus Santa Maria.

## 2018: SAVE THE DATE!



**VII JORNADA DA CEIP**  
LAÇOS SOCIAIS E SINTOMAS CONTEMPORÂNEOS

Dia 28 de abril de 2018  
Auditório do Prédio 74C  
Campus UFSM

Até 10/04/18  
Estudantes R\$ 60,00  
Profissionais R\$ 80,00

Até 20/04/18  
Estudantes R\$ 80,00  
Profissionais R\$ 100,00  
(Não haverá inscrições após esta data)

Informações e Inscrições:  
eventoceip@gmail.com ou (51) 32209229

APOIO:

CCSH  
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS E HUMANAS  
UFSM

CEIP  
Clínica de Estudos e Práticas Psicológicas  
UFSM

Curso de Psicologia  
UFSM